

Considerações provisoriamente finais

O Brasil reúne em seu interior uma diversidade de características político-culturais e comunicacionais para que sejam aprofundadas análises acerca das complexas relações entre mídia e política e seus desdobramentos no âmbito do cotidiano dos sujeitos. Apesar disto, as contribuições para a compreensão desta relação são ainda bastante escassas.

A necessária análise destes desdobramentos ganha uma importância ainda maior no interior de uma sociedade como a brasileira, tendo-se em vista que uma de suas características mais marcantes é o limitado acesso da grande maioria da população à cultura escrita, a predominância da cultura oral e a expansão extraordinária da cultura midiática, onde a televisão assume um papel sem precedentes, passando a ser a mediadora fundamental entre os sujeitos e a realidade não-imediata.

Sob o ponto de vista de uma análise da recepção, torna-se fundamental, portanto, buscar compreender de que maneira determinadas temáticas próprias do campo político-econômico, as quais expõem as **contradições sociais**, em particular da realidade brasileira, expõem as fissuras de **uma sociedade crescentemente excludente**, são (re)construídas pelos dispositivos midiáticos de enunciação, particularmente pela televisão, e de que maneira estes temas são interpretados por segmentos que representam a maioria esmagadora da população brasileira, situada entre os estratos baixos da população, os quais têm a televisão como principal meio de acesso aos acontecimentos.

Para analisar este problema, elegemos temáticas centrais, quais sejam: desemprego, meninos de rua, sem teto, trabalhadores informais entre outras.

O nosso interesse foi, fundamentalmente, discutir quais as implicações da construção do discurso televisivo no processo de formação de representações, atitudes, valores dos sujeitos acerca do tema exclusão.

Entendemos que a análise desta questão supera a idéia de uma dicotomia entre as particularizações de experiências que procedem de determinadas categorias, segmentos sociais, grupos e mesmo indivíduos e a universalização de outras experiências, entendida enquanto uma perspectiva de macro-análise, que se expressa culturalmente por intermédio de

conjuntos de símbolos homogeneizadores, onde a TV atua contemporaneamente como elemento imprescindível. Disto resulta a necessidade de termos em vista as possibilidades de articulação entre estes dois universos constitutivos e constituintes do mundo social, esferas específicas porém não contraditórias, que estão em permanente tensão.

Um outro problema a ser enfrentado relaciona-se à tentativa de superação dos limites da perspectiva que considera as esferas da emissão e da recepção enquanto instâncias separadas. Neste sentido, o maior desafio deste trabalho será o domínio e articulação de um conjunto de procedimentos que sejam capazes de assegurar a compreensão do tipo de discurso construído pela televisão em termos de suas regras de construção, operações e manobras enunciativas e a compreensão do modo como os sujeitos receptores se apropriam destes discursos e quais os desdobramentos desta apropriação.

Disto resulta a necessária articulação e análise de duas ordens discursivas distintas, porém imbrincadas, as quais serão recortadas a partir da investigação:

1) dos dispositivos televisivos acionados na (re)construção da problemática dos sem-terra e do desemprego

2) da observação das implicações deste discurso (re)construído pela/na TV sob o ponto de vista dos sujeitos receptores.

Uma vez situado o problema em seus contornos gerais, pontuamos a seguir de que maneira pretendemos articular a problemática da exclusão social; do discurso mediático, mais especificamente da televisão; e do processo de recepção de estratos sociais despossuídos.

1) Em primeiro lugar, se, por um lado, é amplamente sabido que entre os diversos interesses mobilizados em torno dos problemas políticos prevalece o interesse dos setores dominantes, o que leva a uma menor visibilidade de fatos, acontecimentos e contradições sociais no interior do discurso televisivo, parece fundamental ultrapassar esta evidência, por todos conhecida, e analisar mais detidamente em que medida a televisão lança mão de determinadas estratégias para tentar acomodar interesses antagônicos .

A partir de algumas evidências empíricas, observadas ao longo do nosso trabalho sobre a relação entre os chamados “excluídos” e a publicidade televisiva, desenvolvido junto ao Mestrado em Comunicação e Cultura, tornou-se necessário o aprofundamento da análise de determinados elementos presentes no discurso televisivo os quais parecem contribuir para que os receptores dos estratos sociais baixos relativizem as dificuldades de sua condição na medida em que acionam termos de comparação com segmentos em situação ainda mais dramática na escala social. Estes outros “excluídos”, tais como desabrigados das chuvas, doentes, vítimas de guerras etc, que ocupariam o último lugar da pirâmide social, são frequentemente expostos na TV, de modo patético e/ou grotesco, tanto em programas de entretenimento, quanto jornalísticos, o que parece contribuir para uma relativização da miséria vivenciada pelos estratos desfavorecidos, moradores da periferia dos grandes centros urbanos.

Com base nestas considerações, importa-nos verificar de que modo são tratados os diversos segmentos “excluídos” - no caso em análise, os sem-terra e os desempregados - e como esta identificação realizada pela TV é reelaborada pelo grupo de receptores moradores da periferia; vale dizer, importa desvelar até que ponto o discurso televisivo contribui para reforçar determinadas representações dos moradores da periferia em torno destes supostos “outros” grupos socialmente marginalizados;

2)Segundo: parece evidente a predominância no discurso televisivo de uma idéia de sociedade que goza de certa homogeneidade, a idéia, enfim, de uma sociedade de consumo plenamente constituída, embora em diversos programas/produtos televisivos estejam presentes tensões, ambiguidades e contradições com relação a esta questão. Diante destas evidências, torna-se fundamental discutir de que modo a televisão soluciona o paradoxo de exibir a realidade da exclusão social e reforçar o discurso de integração.

Considera-se, portanto, fundamental analisar nesta investigação a “pedagogia” televisiva, consistente de um sistema de práticas condizentes com um arbitrário cultural que busca viabilizar-se no interior dos diversos estratos sociais, inclusive nas camadas mais baixas, abrangendo esquemas de percepção, de pensamento, de apreciação e de ação, capazes de reforçar a integração, ainda que imaginária. (19)

Se há um processo socializante que reforça o estilo de vida e as representações dos contingentes integrados ao mercado material e simbólico dominantes, é fundamental nesta investigação analisar de que modo no discurso televisivo é resolvida esta tensão, qual seja, de um lado exibir as contradições sociais, a fala dos “excluídos” e, de outro, quase sempre, fazer prevalecer o arbitrário simbólico dominante. Interessa-nos fundamentalmente compreender de que maneira e em que nível estes arbitrários são assimilados pelo grupo investigado ; Dizendo de outro modo, interessa investigar de que modo os arbitrários dos segmentos dominantes e dos setores socialmente desprivilegiados envolvidos na questão da terra, e do desemprego (re)construídos no interior do discurso televisivo, são reelaborados pela esfera da recepção;

3)Terceiro: para alguns autores, a lógica predominante no sistema televisivo resulta, quase sempre, na transformação de todo e qualquer assunto em puro entretenimento, onde haveria a predominância de sínteses redutoras, cuja finalidade seria propiciar um (re)conhecimento fácil por parte dos virtuais receptores da mensagem, o que implicaria na predominância de uma lógica pautada no consumo, ancorada em elementos próprios do discurso publicitário, o que levaria a um processo de banalização dos diversos temas. Importa aqui verificar em que medida a televisão realiza este processo com relação aos temas a serem investigados e quais as implicações disto no processo de reelaboração por parte dos receptores no que diz respeito a temas relacionados à exclusão social;

4)Quarto: se a televisão aparece contemporaneamente para boa parte dos indivíduos enquanto a principal mediadora da realidade não-imediata, permitindo deste modo que o sujeito receptor tome parte dos acontecimentos, é necessário problematizar o lugar ocupado pela TV no processo de mediação aí implicado. Ou seja, procuraremos analisar de que maneira e em que medida a TV brasileira assume o papel principal de máquina de enunciação que indica os principais temas da atualidade, como hierarquiza os temas da exclusão, e de que modo estas estratégias discursivas estruturadas pela televisão contribuem para a formação de atitudes, valores, posturas políticas no âmbito do grupo investigado, com respeito aos temas tratados.

5) Finalmente, consideramos que a análise do processo de recepção admite como pressuposto fundamental a tese de que a interpretação dos sujeitos receptores de todo e qualquer discurso funda-se na realidade material e simbólica vivenciada pelos sujeitos, neste sentido, o estudo do processo de recepção privilegiará, além da mediação do discurso televisivo, a realidade concreta vivenciada pelos sujeitos, o que será feito com base, principalmente, numa etnografia da recepção bem como da articulação de categorias e procedimentos oriundos da análise do discurso. Deste modo a investigação privilegiará o papel das mediações concernentes à realidade concreta dos indivíduos, em particular a mediação familiar, a posição na escala social e o nível de escolaridade no processo de interpretação dos sujeitos receptores do discurso televisivo que versa sobre a exclusão, levando-se em consideração portanto a análise das condições de produção do discurso dos sujeitos a serem investigados.

O olhar perspicaz de alguns analistas já há algum tempo compreendeu que a política nas sociedades contemporâneas torna-se um espaço cada vez mais desinteressante. Que o lugar antes ocupado pelos grandes ideais políticos como estratégia de mobilização social se enfraqueceu. Assim, o espaço que a política ocupa no capitalismo hoje tende a enrijecer a idéia de que é aí que se incrustaram as velhas práticas, os sempre mesmos interesses; aí é o lugar onde poucos atores habitam, vazio de pessoas comuns, de problemas comuns.

Porém, alguns dos principais atores do jogo político chegaram antes. E compreenderam que a política deveria entrar na vida dos sujeitos através de outros caminhos. Se neste jogo não havia como prescindir das “massas”, haveria que buscar mobilizá-las através de outras estratégias. Estratégias que bolinam os indivíduos por meio de interesses privados, da realização imediata, dos sonhos de consumo, das imagens (re)criadas na publicidade, dos objetos expostos sob o olhar ávido de milhões no centro da sala, entre os quatro cantos da vitrine doméstica.

Mas se a política se realiza contemporaneamente sob as vestes do espetáculo da imagem, do reforço à fantasia de realizações pessoais, ancorando-se quer no preço do frango, quer nas facilidades oferecidas pelas concessionárias, ainda uma outra face da política habita o centro da imagem, parecendo degenerar sua essência, provocar a metástase em um corpo ileso, cheio da beleza de corpos, do vigor de músculos, de belos tons. A imagem revela a exclusão.

Percurso para o entendimento de uma patologia

Para procedermos à análise da forma como operam as estratégias de produção do discurso político, no que diz respeito à temática da exclusão, no interior do campo mediático e seus desdobramentos no processo de recepção recorreremos a duas estratégias fundamentais.

Primeiramente procuraremos descrever e analisar o discurso político, entendido enquanto um tipo de discurso que explicita uma relação direta com as estruturas do poder - parlamento, governo e com o campo das relações sociais associado a estas estruturas, a exemplo de partidos políticos e movimentos sociais - a partir de programas televisivos exibidos no horário de maior audiência do sistema televisivo compreendido entre as 19 e 23 horas na emissora de maior audiência, a Rede Globo de Televisão.

O recorte necessário para o aprofundamento desta investigação, tal como já foi colocado anteriormente, será feito com base em duas temáticas consideradas relevantes tanto do ponto de vista da explicitação do problema da exclusão social, centro de nossas preocupação. O recorte, portanto, foi feito com base na observação da presença destes temas nos diversos programas de tv, sobretudo a partir dos gêneros telenovela e programas jornalísticos durante o período de dois meses.

Consideramos fundamental em nossa análise a crítica à tradição de estudos sobre o discurso político onde prevalece a idéia de discurso puro em detrimento do pressuposto de comunicação enquanto um fenômeno constituído de uma diversidade de formas/ordens discursivas e de formas subjetivas.

Ao contrário disto, partimos do pressuposto de que o discurso político não existe enquanto matéria e forma autônomas pois todo o discurso se constitui a partir da permeabilidade de outros discursos. A preocupação com o extra-linguístico, com aquilo que ultrapassa o conteúdo e faz laço com o social, inclusive em suas formas subjetivas, manifesta-se em alguns estudos, no entanto as análises que procuram dar conta destas relações estão apenas começando. Isto posto, vale ressaltar que uma questão central a ser aprofundada articula-se ao pressuposto de que a existência do discurso político não implica em um reconhecimento de sua plena autonomia uma vez que os discursos guardam íntimas relações

com outros discursos e o discurso político, mesmo em sua especificidade, é constituído por outras matizes discursivas que não pertencem às suas fronteiras internas. Este problema remete à discussão do modo como os discursos são co-determinados uns pelos outros e como certas temáticas são construídas, ou melhor, (re)construídas e co-determinadas no interior do sistema televisivo.

Neste sentido, consideramos a contribuição de Bakhtin fundamental para introduzir o conceito de dialogismo, que implica na crítica à pressuposição de que haveria um discurso puro, incólume do já-dito. Com efeito, no que se refere ao problema da intersecção entre o campo da política e o campo dos média, as implicações desta questão passam necessariamente pela discussão dos limites colocados à lógica política no que diz respeito à capacidade de determinar a constelação de seu cenário e a investigação dos limites de autonomia deste discurso, que, agora, mais do que nunca, parece tender a algum tipo de subordinação às regras e disposições constitutivas de uma multiplicidade de outros discursos, notadamente da e na mídia.

A imprescindibilidade da análise do terreno extra-linguístico, no sentido daquilo que ultrapassa o conteúdo do texto a ser analisado e sua relação com o entorno social, sustenta-se, portanto, na noção de que o discurso remete sempre a um outro, de que os discursos são entre si gestionados e engendrados. Esta noção põe por terra o pressuposto da autonomia plena do discurso e faz emergir a categoria da interdiscursividade.

É notório que o discurso político busca todo o tempo legitimar-se/constituir-se por intermédio de diversas modalidades e gêneros discursivos e no contexto de uma sociedade onde a sociabilidade é extraordinariamente mediatizada pelos dispositivos da máquina enunciativa dos média abre-se um terreno amplo para a reflexão. A partir destas noções, consideramos fundamental observar de que maneira a matéria em análise - programas televisivos - está articulada com diversas outras matizes discursivas oriundas de outros campos sociais, que não apenas o estritamente político.

No processo de mediação a esfera da produção lança mão de normas e instruções capazes de guiar a leitura no processo de recepção. Esta leitura envolve a relação de interação, envolve uma tensão que se presentifica no intervalo entre aquilo que a esfera da produção quis dizer e o sentido atribuído pelo sujeito receptor ao texto. Neste jogo de sentidos

é patente uma luta onde saber e poder se articulam, pois aquele que fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido ou que busca reconhecimento. Este discurso exposto revela-se verdadeiro ou falso, veicula um tipo de saber que, por sua vez, gera poder. Este poder é um poder que intenta algum tipo de controle, revela intenções, formas de representação, procura legitimar idéias e condutas.

Estas intenções, comandadas pela/na esfera da produção, percorrem itinerários que pressupõem o acionamento dos chamados “contratos de leitura”, definidos enquanto “um conjunto de regras e de instruções constituídas pelo campo da emissão para serem seguidas pelo campo da recepção, condição com que ele se insere no sistema interativo proposto e pelo qual ele é reconhecido e, conseqüentemente, se reconhece como tal”. Para que se estabeleça o funcionamento destes “contratos”, é necessária a mobilização de dispositivos técnico-simbólicos “de cujas leis próprias resultam as modalidades dos contratos”.

O receptor, uma vez guiado pelas estratégias mobilizadas pela emissão, transita no interior do texto a ele ofertado o qual estabelece relações com diversos outros textos, com os referentes aí apresentados, enfim, transita por dimensões discursivas variadas.

Consideramos assim ser imprescindível em um primeiro momento deste trabalho discutir de que modo o discurso sobre a exclusão mediado pelos dispositivos mediáticos de enunciação regula e é regulado por estes mecanismos e, no bojo desta análise, revelar de que modo o sujeito receptor é injuncionado no interior deste discurso, de que modo é guiado. Para isto procederemos à análise detalhada de programas veiculados nesta emissora de televisão que tratem dos temas selecionados para esta investigação.

É fundamental ainda não perder de vista que a noção de “contratos de leitura” aqui proposta pressupõe a recorrência ao conjunto de elementos e referências do estoque simbólico/cultural do sujeito receptor. O substrato destes elementos e referências remete a uma diversidade de terrenos textuais, cuja estratégia fundamental é situar o objeto apresentado no interior do texto a partir de índices e categorizações inscritas na experiência do receptor.

Ao analisar o funcionamento dos “contratos” no âmbito do discurso jornalístico e mais especificamente das revistas semanais, Antonio Fausto Neto propõe que uma característica

predominate neste processo é a suposição por parte do enunciador de que o receptor já conhece previamente alguma coisa que lhe é apresentada de maneira fragmentada.

Esta evidência, presente também nos programas televisivos, especialmente nos programas jornalísticos, torna necessária a investigação acerca das regras e dispositivos propostos pela produção que assegurem a inteligibilidade do texto, a conduta a ser seguida pela esfera da recepção.

Todas estas estratégias, constitutivas das operações condicionadas pelo campo da emissão para a recepção, visam a construção de sentido. Trata-se, pois, de uma pedagogia com a qual o enunciador procura inscrever o sujeito receptor no discurso que aí foi produzido, interferindo diretamente em todo o processo de produção de sentido.

Fausto Neto insiste que este processo expõe a crise de representação clássica que se funda na objetividade, na busca de verdade, posto que os mídia apresentam-se agora não apenas como mediadores da realidade, mas propõem-se a apresentá-la. Não se trata mais de apontar representacionalmente para o real aludido na narrativa, mas, através de recursos estéticos, de intensidade e de instantaneidade, os mídia substituirão o tradicional. Assim é que, do ponto de vista de uma ética da comunicação, nada mais grave do que as manobras discursivas com que se propõe a fechar o campo de significação.

Cabe reiterar que, na medida em que adotamos o pressuposto da impossibilidade de distinção estrita do processo de produção de discurso de seus desdobramentos implicados no processo de leitura, consideramos que em nossa proposta teórico-metodológica de análise a etapa de estudos das estratégias acionadas pelo/no campo da produção do discurso político no interior dos mídia será realizada concomitantemente ao acompanhamento do processo de recepção dos sujeitos.

Na análise deste processo, partimos do princípio de que a esfera da recepção mobiliza lógicas distintas daquelas inerentes à enunciação, posto que estes sujeitos habitam, sob variados aspectos, lugares específicos, sofrem injunções sócio-culturais, econômicas e políticas diferenciadas. Assim é que nossa preocupação tem como centro a discussão do modo como os sujeitos/famílias ordenam, sistematizam, hierarquizam o mundo social, particularmente de que modo interpretam o discurso televisivo sobre a exclusão sob as condições de uma rigorosa mediação dos contemporâneos aparatos de comunicação. Trata-se,

desta maneira, de verificar quais categorias são utilizadas por estes sujeitos para explicitar suas visões de mundo e os princípios que presidem esta organização, princípios estes que, supostamente, têm em suas bases fortes relações com o sistema de produção simbólica engendrado nos/pelos mídia, particularmente pela tv.

Consideramos fundamental numa análise centrada no estudo do processo de recepção, não apenas em seus aspectos teóricos, mas também em sua realidade empírica, proceder a uma delimitação do universo a ser pesquisado, uma vez que diversas variáveis sócio-econômicas, culturais e individuais, se tomadas a partir de um universo por demais heterogêneo, tendem a comprometer os resultados pretendidos. Deste modo, três variáveis servirão como elementos aproximativos para a investigação dos sujeitos: a situação sócio-econômica; a situação sócio-cultural, em especial o nível de escolaridade - que define o não-acesso ou o acesso esporádico ao código escrito onde, portanto, a televisão reafirma-se enquanto uma das principais formas de mediação da realidade não-imediata e, obviamente, a condição de serem famílias que possuem aparelho de tv.

Com efeito, tal como enfatiza Fachel, haveria uma diversidade de possibilidades para a segmentação do grupo a ser investigado tais como a etnia, a religião, o sexo, a idade; no entanto, do nosso ponto de vista, a problemática central colocada neste trabalho será a análise do modo como uma determinada comunidade, moradora da periferia, que possui baixo nível de escolaridade e percebe baixos salários, interpreta o discurso da exclusão social (re)construído pela televisão, daí secundarizarmos, ao menos em um primeiro momento, outras segmentações e privilegiarmos os parâmetros referenciais propostos.

Definimos ainda como universo etnográfico a unidade doméstica, a família, por se tratar de uma das unidades sociais mais significativas uma vez que relevamos a tradição de estudos que considera a família uma das instituições sociais mais significativas uma vez que aí são proporcionadas algumas das referências mais importantes na constituição do sujeito e por ser no âmbito familiar que, quase sempre, ocorre o processo de recepção da tv.

É fundamental ainda resgatarmos a cotidianidade na qual se insere o processo de recepção, o que implica na retomada da noção bourdiana de espaço social, daí a importância de em trabalhos desta natureza proceder a uma descrição detalhada do bairro onde estas famílias se inscrevem.

Trata-se, pois, de uma abordagem qualitativa, cujo objetivo é analisar, destacadamente através da fala dos sujeitos receptores, de que modo o discurso televisivo, que a todo o momento sacia a fome do olhar através da beleza, do luxo, do prazer e do gozo imaginários, sucumbe a um outro mundo, o outro da exclusão. Seguimos assim a trilha dos sintomas da patologia da imagem que, talvez, revele, ainda que num lapso de tempo, os maiores sintomas da degenerescência do tecido social.